

CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ

# GRADES INVISÍVEIS

*Quando a mente também cumpre pena*



Grades Invisíveis: Quando a mente também cumpre pena

**Autora**  
Clesia Carneiro Da Silva Freire Queiroz

GRADES INVISÍVEIS: QUANDO A MENTE TAMBÉM CUMPRE PENA



**2025**

Copyright © Editora Humanize  
Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei 5.988/73 e Lei 9.61/98)

**Autor**

Clesia Carneiro Da Silva Freire Queiroz

**Publicação**

Editora Humanize

**Diagramação e Editoração**

Luis Filipe Oliveira Duran  
Caroline Taiane Santos da Silva  
Naiara Paula Ferreira Oliveira

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(Editora Humanize, BA, Salvador)**

---

C634g QUEIROZ, Clesia Carneiro Da Silva Freire.  
GP35383

*Grades Invisíveis: Quando A Mente Também Cumpre Pena-* 1<sup>a</sup>ed. Bahia / BA: Editora Humanize, 2025  
1 livro digital; ed. I; il.

ISBN: 978-65-5255-150-4

1. Penal 2. Direito 3. Liberdade  
I. Título

CDU 370

---

**Índice para catálogo sistemático**

1. Direito	50
2. Penal	55
3. Liberdade	57



**"A pior cela é aquela que não podemos ver, porque não há como fugir de nós mesmos."** (Queiroz, 2025).

# **DEDICATÓRIA**

---

Dedico esta obra a todos os meus alunos que, entre paredes de concreto e olhares de vigilância, mantêm viva a fome pelo saber. Vocês me ensinaram que a dignidade humana reside na capacidade invicta de sonhar, mesmo quando o horizonte é um muro.

Aos profissionais que buscam humanizar o sistema, acreditando que o cuidado e a educação são as únicas pontes reais para a liberdade da mente.

E a cada alma que, embora carregue as marcas de grades invisíveis, ainda luta para reencontrar sua própria luz no caminho do recomeço.

# **SIGNIFICADO DO TÍTULO**

---

O título “Grades Invisíveis: Quando a mente também cumpre pena” é uma metáfora profunda sobre o sofrimento psíquico e a falta de liberdade existencial. Ele sugere que o verdadeiro isolamento não depende de muros de concreto, mas de estados mentais que paralisam a vida.

Aqui está um desmembramento do significado técnico e poético desse título:

## **1. O conceito de “Grades Invisíveis”**

As grades invisíveis representam barreiras que a sociedade não vê, mas que o indivíduo sente. Elas podem ser:

- **Limitações Psicológicas:** Traumas, fobias, depressão ou transtornos de ansiedade que impedem a pessoa de circular pelo mundo ou de se expressar.
- **Barreiras Sociais e Estigmas:** O preconceito ou a exclusão social que, mesmo sem uma lei de prisão, mantém certas pessoas à margem, "presas" em guetos ou em situações de vulnerabilidade.
- **Autoimposição:** Crenças limitantes onde a própria pessoa se convence de que não pode ou não merece ser livre.

## **2. “A Mente também cumpre pena”**

Esta segunda parte do título indica um estado de punição contínua. Cumprir pena implica três coisas: culpa, tempo e restrição.

- **A Culpa:** A mente se torna um juiz severo. A pessoa se pune por erros passados, por não atingir expectativas ou por traumas que não foram culpa dela, mas que ela carrega como uma condenação.

- **O Tempo Estagnado:** Quem cumpre pena sente o tempo passar de forma diferente. A vida "lá fora" continua, mas a mente prisioneira fica estagnada em um ciclo repetitivo de pensamentos negativos (ruminação).
- **A Privação de Prazer:** Assim como um detento perde o direito ao lazer e à convivência plena, a mente em sofrimento perde a capacidade de sentir alegria, conexão e propósito.

### 3. A Dualidade Corpo vs. Mente

O título sugere uma dicotomia trágica:

Pode referir-se a alguém que está fisicamente livre, mas emocionalmente encarcerado por seus próprios medos ou doenças mentais.

Pode referir-se a alguém que está fisicamente preso (no sistema carcerário), destacando que a punição vai além da restrição do corpo; ela degrada e aprisiona a psique, tornando a reabilitação muito mais difícil

Em síntese, o título é um alerta para a saúde mental e para as prisões subjetivas. Ele diz que **a pior cela é aquela que não podemos ver, porque não há como fugir de nós mesmos**. É um convite à empatia com quem parece estar “livre”, mas carrega um peso insuportável no pensamento.

# SUMÁRIO

---

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>PREFÁCIO .....</b>	<b>12</b>
<b><u>LIÇÃO 01: O PÁTIO E O OLHAR .....</u></b>	<b>14</b>
A Travessia do Portão: O Encontro entre a Teoria e a Realidade.....	14
<b><u>LIÇÃO 02: A SALA DE AULA EM 25M<sup>2</sup> .....</u></b>	<b>16</b>
Estudo do Espaço e da Mente: A Geografia da Angústia .....	16
O Espaço que Se Encolhe e a Alma que Sufoca.....	16
O Estudo da Luz e da Sombra .....	17
<b><u>LIÇÃO 03: O LIVRO E O TARJA PRETA .....</u></b>	<b>18</b>
A Gestão da Ordem: O Uso de Psicofármacos no Ambiente de Custódia .....	18
O Diagnóstico Aparelhado e a Fila da Angústia.....	18
A Química do Controle: O Tarja Preta como Disciplina.....	19
<b><u>LIÇÃO 04: O TEMPO .....</u></b>	<b>20</b>
A Ociosidade Como Fator de Risco: O Desafio da Produtividade Suspensa .....	20
A Tortura do Vazio e a Mente Ruminante .....	20
O Desafio de Ensinar em um Tempo Suspenso .....	21
<b><u>LIÇÃO 05: A CLÍNICA NA CONTRAMÃO DO MURO .....</u></b>	<b>22</b>
O Centro de Saúde Penitenciário: Entre o Cuidado e a Custódia .....	22
O Estudo do Paradoxo: Cuidado sob Grades.....	22
A Longa Espera: Os Pacientes de Tratamento Contínuo .....	23
<b><u>LIÇÃO 06: O DIREITO NA LOUSA .....</u></b>	<b>25</b>
A Lei do Cuidado: O Contraste entre a Norma Legal e a Aplicação .....	25
O Limbo Legal: Medidas de Segurança e a Indeterminação .....	26
<b><u>LIÇÃO 07: O TEMA DA CASA .....</u></b>	<b>27</b>
O Estigma Social: A Permanência da Punição na Liberdade .....	27
A Sentença Social que Não Prescreve .....	27
O que o Estigma faz? Ele anula a ressocialização.....	27

O Preço da Liberdade: A Dupla Punição .....	28
<b>LIÇÃO 08: O MEDO DA RUA.....</b>	<b>29</b>
Prisionalização: A Síndrome da Adaptação Invertida .....	29
A Mente que Desaprende a Ser Livre.....	29
O que acontece quando essa estrutura é subitamente removida?.....	29
A Reincidência como Triste Lógica .....	30
<b>LIÇÃO 09: O PROJETO DA LUZ.....</b>	<b>31</b>
A Educação Como Resgate: Ensinar Para a Reconstrução da Identidade .....	31
O Caderno como Território Livre.....	31
Projetos de Luz e a Reintegração .....	32
<b>EPÍLOGO: O CADERNO DE NOTAS ABERTO.....</b>	<b>33</b>
<b>SOBRE A AUTORA .....</b>	<b>36</b>



# INTRODUÇÃO

---

Se este livro estivesse em minha mesa de estudos nos tempos da Universidade, seria apenas um ensaio. Mas ele nasce nas mesas de concreto frio, sob o olhar constante da vigilância, e, por isso, precisa ser mais: ele é um relato de observação e um convite à reflexão aprofundada.

Por anos, minha jornada tem sido a de atravessar o portão de ferro, abandonando a zona de conforto da teoria para entrar no território da custódia. Ensinar no cárcere é um privilégio e um desafio. É um privilégio porque encontro ali a fome mais intensa por conhecimento e a sede mais desesperada por um futuro. É um desafio porque cada conceito que levo é confrontado por uma realidade que exige um olhar mais matizado sobre a complexidade da pena.

Nossos códigos e nossas constituições nos garantem que a pena deve ser individualizada e visar a ressocialização. No entanto, a observação contínua e a análise serena revelam um fenômeno inerente ao confinamento: o ambiente de custódia, em sua superlotação, ociosidade e ausência de cuidado especializado, interage profundamente com a saúde psíquica, exigindo que a teoria seja revista.

O que se desenrola entre estas páginas não é uma acusação, mas um estudo dos fenômenos. Buscamos compreender como a privação de liberdade se desdobra em Grades Invisíveis — as barreiras psicológicas feitas de ansiedade, depressão e trauma que a própria mente constrói ou que a estrutura do sistema inevitavelmente produz.

O Roteiro da Análise Este livro é organizado como as lições que conduzo, convidando você, Leitor, a ser meu parceiro nesta análise: Estudaremos o Espaço (a cela, Lição 2) e o Tempo (a ociosidade, Lição 4) como fatores de risco para o bem-estar mental. Analisaremos o dilema ético e jurídico da Medida de Segurança (Lição 6) e o papel da Lei Antimanicomial no contexto penal. Por fim, sairemos dos muros para confrontar o Estigma Social (Lição 7) e a Prisionalização (Lição 8), fenômenos que garantem que o sofrimento mental persista mesmo após a soltura.

O Convite à Introspecção Minha voz neste relato é a da docente que busca a compreensão para além do julgamento. O convite que faço é para que você mergulhe na reflexão e se junte a mim no questionamento central que atravessa todas as nossas observações:

Se o objetivo da pena é devolver um cidadão à sociedade, qual é a responsabilidade ética do sistema e da comunidade em lidar com as consequências psíquicas inevitáveis do confinamento?

O trabalho de compreender as consequências da pena cabe à academia e à sociedade, não apenas ao indivíduo. Que este livro seja um instrumento para a ampliação do olhar e para a busca de soluções que harmonizem a segurança pública com a integridade da esperança humana. Este estudo nasce do meu compromisso inabalável com o princípio da dignidade da pessoa humana e com a missão ressocializadora da Justiça.

**A jornada começa no som do portão. Venha**



# PREFÁCIO

Existe um silêncio eloquente que paira sobre o sistema penal, e é esse silêncio que o livro “**Grades Invisíveis**” se propõe a quebrar. Esta obra não é apenas um ensaio; é uma **acusação ética** e um **convite à reflexão aprofundada** sobre o maior fracasso da nossa Justiça: a incapacidade de proteger a **integridade da esperança humana** no território da custódia.

Em meio à frieza da lei e à estatística da superlotação, a autora — com a voz sensível e cirúrgica da docente que busca a compreensão para além do julgamento — nos força a olhar para o núcleo do confinamento, para a cela de 25 metros e para as consequências que se desenrolam nas sombras.

O grande mérito desta obra é a sua tese central, tão simples quanto devastadora: o ambiente de custódia, em sua ociosidade forçada, na negação do espaço íntimo e na ausência de cuidado especializado, é um **agente patogênico**. O livro mapeia com precisão cirúrgica as “**Grades Invisíveis**” — as barreiras psicológicas feitas de trauma, ansiedade e depressão que a mente do apenado constrói ou que a própria estrutura penal inevitavelmente produz. Somos confrontados com:

- **O Espaço que Sufoca**, onde a ausência de luz natural e a superlotação se tornam fatores neurobiológicos de adoecimento.
- **O Tempo Quebrado**, onde a ociosidade anula o propósito e transforma a mente em uma tecelã de ruminação tóxica.
- **A Química do Controle**, onde o sofrimento, que demanda escuta, é silenciado pela medicalização, usada como instrumento de gestão disciplinar.

O livro não se encerra no muro; ele nos leva para a rua, onde o **Estigma Social** e a **Prisionalização** garantem que a punição não termine no alvará, transformando o sonho da liberdade em **Medo da Rua**.

A autora, no entanto, não nos deixa apenas com a denúncia. Em "**O Projeto da Luz**" (Educação e Trabalho), ela aponta o antídoto mais eficaz e ético, ferramentas capazes de restaurar a dignidade do fazer e a **fé no futuro**.

"Grades Invisíveis" é um chamado inequívoco. Ele exige que abandonemos a lógica da segurança absoluta e adotemos a **Ética do Cuidado Integral** como o único caminho para desmantelar as barreiras internas e externas.

Esta é uma leitura obrigatória para qualquer profissional do Direito, da Saúde Pública e da área de Direitos Humanos. Mais do que isso, é um convite à sociedade para questionar a si mesma: Se o objetivo é a ressocialização, qual é a nossa responsabilidade ética em curar as feridas que a punição infligiu?

**Para além do concreto que silencia o corpo, existe um grito que a mente não cansa de dar. Que esta obra seja o eco desse grito, derrubando os muros do preconceito para que a consciência social, enfim, aprenda a caminhar livre.**



## LIÇÃO 1

# O PÁTIO E O OLHAR

### A Travessia do Portão: O Encontro entre a Teoria e a Realidade

O ar aqui dentro tem outro peso. Não é apenas o peso da ausência de liberdade; é o da ausência de um horizonte. Nossos olhos veem muros, mas nossas almas sentem o aperto do tempo suspenso.

Eu cruzo o portão metálico, e a cada passo, o mundo da rua se dissolve. Deixo para trás a clareza didática dos livros e entro no território onde a teoria da justiça é testada pela densidade do concreto. Minha sala de aula é um lugar onde as paredes guardam mais lições do que qualquer volume encadernado.

O cárcere é uma arquitetura desenhada para conter o corpo, mas sua eficácia mais notável reside na contenção da mente.

Olho para os rostos que me aguardam. Não há na expressão deles o grito, mas o cansaço da alma. É uma fadiga que não se cura com sono, mas com a restauração de um futuro. É a marca indelével da pena invisível.

Neste lugar, a superlotação não é só um dado estatístico de metros quadrados negados. É o fim do silêncio, a negação do direito de estar consigo. Quando não há um espaço para a solidão criativa, o espírito é forçado a habitar um caos permanente. E nesse caos, florescem as doenças da mente: a ansiedade, que transforma o peito em tambor, e a depressão, que pinta o amanhã com a mesma cor do ontem.



Convidemos a reflexão: Se a pena, em sua essência, visa a ressocialização, é possível que um ambiente que anula o espaço de sonhar esteja, de fato, a serviço da Justiça? Quando a reclusão obriga o indivíduo a conviver apenas com o próprio trauma e a incerteza do amanhã, estaremos nós, como sociedade, contribuindo para uma consequência que excede o tempo da lei?

A grande hipótese que precisamos testar é a de que a pena é uma dívida com tempo final. A verdadeira dívida é aquela que se contrai com a psique. A mente, ao se defender da hostilidade do confinamento, constrói suas próprias Grades Invisíveis — muros de isolamento interno, trincheiras de desconfiança, e pontes queimadas para o mundo da esperança.

Eu não sou apenas uma docente de leis; sou uma observadora da subjetividade sob pressão. E a lição mais urgente que tiro daqui é esta: o sistema enfrenta seu maior desafio não quando o corpo cumpre sua pena, mas quando a mente é devolvida à sociedade mais vulnerável e menos capaz de abraçar a liberdade.

**A liberdade, meus caros, é uma música que não ecoa nas frias batidas do alvará. Ela é o pulsar da dignidade: reside na saúde invicta da imaginação e na chama inegável da esperança.**



## LIÇÃO 2

# A SALA DE AULA EM 25M<sup>2</sup>

### Estudo do Espaço e da Mente: A Geografia da Angústia

A cela não é apenas um quadrado de concreto. É a materialização da negação. Negação do ar que se respira, negação do silêncio que acalma, e negação da própria linha divisória que separa o eu do outro.

Após a travessia da fronteira (Lição 1), voltamos o olhar para o núcleo do confinamento. Pensemos na cela. Para a lei, ela é uma unidade de custódia. Para a mente que a habita, ela é o espelho de um colapso.

### O Espaço que Se Encolhe e a Alma que Sufoca

O primeiro fator de adoecimento que observamos é a superlotação. Ela não é um mero índice administrativo; é uma violação do espaço íntimo.

O que acontece com a psique quando quatro, seis, ou dez corpos são forçados a existir em um lugar feito para dois?

A superlotação aniquila o direito à solidão criativa, aquele instante vital em que a mente se reorganiza, processa o trauma e planeja o futuro. Aqui, esse instante não existe. A convivência é perpétua, forçada e hostil.

Consideremos em conjunto: Se o ser humano necessita de fronteiras para construir sua identidade, o que resta da subjetividade quando todas as suas

fronteiras são invadidas? Quando a respiração do vizinho é o único som constante, e o tato é sempre o toque acidental e forçado, como a mente pode se sentir segura ou inteira?

O confinamento, sob estas condições, transforma a ansiedade de um sintoma em um estado de ser. O indivíduo está sempre em hipervigilância, pronto para a disputa pelo último centímetro de chão ou pelo último gole d'água. É a guerra de nervos silenciosa que se trava 24 horas por dia.

## O Estudo da Luz e da Sombra

Não podemos ignorar a qualidade do ambiente. A ausência de luz natural e a umidade das paredes não são apenas fatores de doenças respiratórias; são fatores de doença mental.

O corpo, privado da luz que regula o ritmo circadiano, perde a capacidade de distinguir o dia da noite, o descanso da vigília. Esse desajuste biológico é um solo fértil para a depressão, que é, muitas vezes, a manifestação da própria escuridão interior. O ser encarcerado passa a carregar a sombra da cela em sua biologia.

O espaço, portanto, não é neutro. É um agente ativo na experiência da pena. E sua rigidez reside no fato de que ele impacta a própria capacidade de viver do indivíduo.

**O princípio que estabelecemos é que, antes de falarmos em ressocialização, precisamos garantir a restauração do espaço mínimo para que a mente possa parar de lutar pela sobrevivência e comece a lutar pela vida.**



## LIÇÃO 3

# O LIVRO E O TARJA PRETA

### A Gestão da Ordem: O Uso de Psicofármacos no Ambiente de Custódia

O grito da alma é um som que incomoda a estrutura. E quando não há escuta, o sistema oferece um sedativo. Mas o silêncio comprado não é cura; é apenas a suspensão temporária do sofrimento, empilhada em pequenas caixas brancas.

Avançamos a análise, concentrando-nos na estratégia do sistema frente à angústia gerada: o setor de saúde. Em um ambiente de custódia, onde a ordem é a prioridade máxima e os recursos são cronicamente escassos, o tratamento da mente segue uma lógica de urgência, não de cuidado abrangente.

### O Diagnóstico Aparelhado e a Fila da Angústia

Em meus anos aqui, observei que a procura por assistência psiquiátrica ou psicológica não é apenas alta; é desesperada. Contudo, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde (PNAISP), que deveria garantir equipes multidisciplinares, é, na maioria das vezes, uma letra fria na lei. O psicólogo é uma figura rara; o psiquiatra, um fantasma que faz consultas cronometradas.

Sob essa ótica, questionemos: Se o sofrimento é um rio caudaloso e o acesso à terapia é apenas um conta-gotas, o que preenche o vasto espaço entre a dor e o tratamento? A ausência de escuta, a falta de um olhar individualizado, não é, em si, mais uma limitação do cuidado?

O sistema, movido pela necessidade de manter a estabilidade, encontra uma solução mais rápida e, paradoxalmente, mais eficaz para seus próprios fins: a medicalização.

## A Química do Controle: O Tarja Preta como Disciplina

Observo a distribuição de medicamentos: grandes volumes de psicotrópicos, comumente chamados pelos meus alunos de "tarjas pretas".

Não se trata de negar a importância da farmacologia; mas de questionar o uso e o contexto. O que deveria ser um auxílio terapêutico, torna-se, muitas vezes, um instrumento de gestão disciplinar.

O detento que apresenta ansiedade extrema ou agitação — sintomas lógicos de um confinamento de alto estresse — é rapidamente medicado para sedar a reação, não para tratar a causa.

A medicação atua como um silenciador químico. Ela não resolve a superlotação, não traz a luz do sol, nem restitui o propósito perdido. Ela apenas embota a dor o suficiente para que o indivíduo se torne mais dócil, mais quieto, menos propenso a perturbar a ordem.

É necessário questionar: Quando o remédio é prescrito para pacificar o ambiente, e não para curar o paciente, o que isso revela sobre a prioridade do sistema: a saúde do indivíduo ou a conveniência da instituição? E qual a implicação de transformar o sofrimento, que demanda cuidado complexo, em um problema logístico a ser resolvido com química?

**A triste lição que tiramos da “farmácia” da prisão é que a mente que grita sob as grades invisíveis é silenciada com promessas de um sono que, na verdade, é apenas entorpecimento. E o entorpecimento impede a consciência, e a consciência é o primeiro passo para a mudança e para a liberdade.**



## LIÇÃO 4

# O TEMPO

### A Ociosidade Como Fator de Risco: O Desafio da Produtividade Suspensa

Após o mapeamento do Espaço e da Química como agentes de adoecimento, avançamos agora para o elemento mais abundante e, paradoxalmente, mais destrutivo do cárcere: o Tempo. Aqui dentro, o tempo não é uma flecha; é uma poça estagnada. Não avança, apenas reflete o mesmo céu cinzento de ontem. E a mente, privada de seu ofício, torna-se uma tecelã de ansiedade e desesperança.

O tempo, que fora dos muros é a matéria-prima dos projetos e da construção do futuro, aqui dentro é uma substância corrosiva. O que chamamos de ociosidade forçada não é repouso. É um vácuo existencial imposto.

### A Tortura do Vazio e a Mente Ruminante

A falta de trabalho, estudo e atividades produtivas quebra o principal motor da psique humana: o propósito.

O ser humano, quando privado de tarefas, de metas, e da possibilidade de usar suas habilidades, é forçado a um mergulho sem fim em seu mundo interior. Essa introspecção não é a meditação sadia; é a ruminação tóxica. A mente, desocupada, revisita incansavelmente o erro, a culpa, a saudade perdida e a injustiça percebida.

Voltemos o olhar, Leitor: Se a depressão clínica é frequentemente caracterizada pela perda da capacidade de planejar o amanhã e pela falta de sentido, o que esperamos que aconteça quando um sistema impõe, por anos a fio, a anulação completa do propósito de vida? A depressão no cárcere não é um desvio; é, muitas vezes, a resposta lógica a um ambiente que suspendeu o futuro.

**O tempo ocioso transforma-se, assim, na principal grade invisível. Ela não aprisiona o corpo, mas a esperança.**

## **O Desafio de Ensinar em um Tempo Suspenso**

Minha experiência em sala de aula me mostra a dificuldade de ensinar a quem não consegue enxergar o amanhã. O aluno, com o corpo presente, tem a mente presa ao relógio quebrado.

Eles anseiam pelo conhecimento, pelo diploma, mas lutam diariamente contra a voz interna que questiona: Para que serve este estudo, se a porta da rua está fechada? O esforço para aprender torna-se um ato de resistência contra o desespero.

O achado principal dessa análise é que o direito ao trabalho e à educação não é apenas um benefício legal; é uma medida fundamental de saúde mental. É a única ponte que conecta o presente estagnado ao futuro possível. A atividade produtiva é a âncora que impede a mente de ser levada pela correnteza do vazio.

**A lição que tiramos do tempo é que a punição mais severa é a que rouba o amanhã. E a verdadeira reparação começa quando devolvemos ao indivíduo a dignidade do fazer e a certeza de que seu tempo, mesmo em custódia, ainda pertence à construção de sua própria história.**



## LIÇÃO 5

# A CLÍNICA NA CONTRAMÃO DO MURO

### O Centro de Saúde Penitenciário: Entre o Cuidado e a Custódia

Tendo explorado o impacto do espaço da cela e a corrosão do tempo ocioso, concentramo-nos, agora, na única estrutura formalmente dedicada ao alívio do sofrimento: o Centro de Saúde Penitenciário (ou as Unidades Básicas de Saúde Prisional – UBSP). A porta da enfermaria se abre, mas o corredor da prisão continua ali, estreito e longo.

O cuidado, neste ambiente, é sempre uma batalha contra o tempo e o olhar vigilante. É a medicina do possível, e não a do ideal. Este não é um hospital de bairro. É um centro de saúde onde a política de atendimento integral (PNAISP) se choca com a lógica da segurança.

### O Estudo do Paradoxo: Cuidado sob Grades

A função desta unidade é prover a atenção básica, incluindo a saúde mental. Contudo, a experiência nos mostra que a eficácia do tratamento é inherentemente comprometida pelo contexto:

- **A Escolta da Terapia:** O ato de buscar ajuda médica é precedido pela revista e pela escolta. O paciente de saúde mental é acompanhado pelo agente de segurança, o que inibe a confiança e a abertura

necessárias para qualquer ato terapêutico verdadeiro. A confidencialidade é uma ficção quando a voz precisa ser contida.

- **A Fragilidade do Protocolo:** Se o sofrimento psíquico é gerado pela superlotação e pela falta de perspectiva (Lições 2 e 4), como a medicação e a breve conversa na UBSPO podem anular os efeitos de 23 horas diárias de confinamento hostil? A clínica atua na ponta do iceberg, enquanto a base da angústia continua intacta.
- **Sob esta perspectiva, interroguemos:** Se o princípio ético da medicina é primum non nocere (primeiro, não causar dano), como podemos sustentar um sistema onde a própria estrutura de custódia é o principal agente patogênico? E qual o limite de responsabilidade do profissional de saúde que é forçado a atuar sob o domínio da segurança, e não da cura?

## A Longa Espera: Os Pacientes de Tratamento Contínuo

O maior dilema ético reside naqueles que exigem tratamento de longo prazo, como os portadores de psicoses, esquizofrenia, ou transtornos graves pré-existentes.

Embora o modelo dos antigos HCTPs (Hospitais de Custódia) estejam em processo de substituição pela luta antimanicomial, a realidade é que a prisão comum ainda se torna o destino final para muitos pacientes mentais, que ficam em alas especiais ou celas de observação.

O centro de saúde Penitenciário tem capacidade para dar o diagnóstico, mas raramente tem a estrutura para garantir a continuidade do cuidado complexo e a reinserção social necessária.

A Voz Cativa: A tragédia destes pacientes é a da indeterminação. O tempo de pena do corpo é certo, mas o tratamento da mente exige uma alta que a prisão não pode dar. Eles vivem em um limbo legal e terapêutico, onde o tratamento se confunde com o isolamento, e a perspectiva de melhora é devorada pela rotina da custódia. O centro de saúde é uma ilha de cuidado em um oceano de indiferença.

A conclusão primária sobre o cuidado é que o Centro de Saúde, apesar de sua grande importância, ilustra a limitação do cuidado dentro da estrutura de custódia. O cuidado existe na letra fria, mas se torna ineficaz quando a própria instituição que o abriga é a principal fonte da doença.



## LIÇÃO 6

# O DIREITO NA LOUSA

### A Lei do Cuidado: O Contraste entre a Norma Legal e a Aplicação

Com o sofrimento gerado pela estrutura e a resposta farmacológica minuciosamente estudados, o foco de nossa análise se desloca para a norma. Esta é a ferramenta que a sociedade concebeu para garantir a dignidade: a Lei Antimanicomial (Lei Federal n. 10.216/2001). As leis são feitas de esperança e razão. Mas, aqui dentro, elas são postas à prova por uma força mais antiga: a da segregação. O Estudo da Revolução Inacabada

Esta lei revolucionou o tratamento em saúde mental no Brasil, exigindo a substituição dos manicômios por uma rede de cuidados aberta e comunitária (os Centros de Atenção Psicossocial – CAPS). Sua essência é clara: o cuidado deve ser em liberdade, priorizando a reinserção social e a autonomia, e não o isolamento.

Se a lei estabelece que o tratamento deve ocorrer no território e na comunidade, com respeito à dignidade, por que a lógica do confinamento ainda prevalece para aqueles cujo sofrimento psíquico se intersecta com o crime?

O desafio ético e jurídico reside justamente na dificuldade de aplicar o espírito dessa lei no contexto penal. A segurança e a periculosidade presumida frequentemente se sobrepõem ao direito ao cuidado.

## O Limbo Legal: Medidas de Segurança e a Indeterminação

Embora tenhamos substituído o conceito de Hospital de Custódia por unidades que deveriam ser clínicas mais integradas, o dilema da Medida de Segurança permanece no cerne da nossa reflexão:

- **A Cautela da Lei:** A lei prevê essa medida para o inimputável (aquele que, por doença mental, não era capaz de entender o ilícito). O objetivo não é punir, mas tratar e cessar a periculosidade.
- **O Contraste entre a Norma e a Prática:** Na realidade, a medida de segurança se torna o oposto da lei do cuidado. Sua duração indeterminada se estende para além do tempo que seria a pena máxima para o crime. O paciente vive em um limbo onde a alta não depende de uma cura objetiva (muitas doenças crônicas não têm "cura"), mas de uma "cessação de periculosidade" que a burocracia raramente atesta.
- **O Risco da Eternidade:** A lição mais dura que a Lei nos oferece é a da fragilidade do sistema em proteger o mais vulnerável. Quando o tempo da custódia se torna perpétuo, ele viola o princípio fundamental de que nenhuma pena – nem mesmo um "tratamento" forçado – pode ser vitalícia. O indivíduo está cativo não por sua culpa, mas por sua condição.

Nosso propósito, ao analisar essa legislação na lousa, é ir além da leitura fria. Devemos questionar a ética de um sistema que, na prática, utiliza a doença mental como justificativa para o confinamento mais longo e, paradoxalmente, menos terapêutico.

**A liberdade da mente exige que a Lei do Cuidado seja mais forte que a força bruta do Muro.**



## LIÇÃO 7

# O TEMA DA CASA

### O Estigma Social: A Permanência da Punição na Liberdade

Tendo desvendado o modo como o próprio sistema de custódia adoece a mente, iniciamos agora a travessia final. Observaremos a tragédia que se desenha no lado de fora dos muros: a permanência das Grades Invisíveis erguidas pela sociedade. O alvar de soltura abre a porta de ferro, mas não tem o poder de abrir a porta da rua.

O mundo lá fora se recusa a esquecer. E a pena, que devia ter se exaurido no tempo, recusa-se a ser findada. O egresso, meus caros, não está apenas retornando à liberdade; ele está entrando em um novo tipo de prisão: a prisão do Estigma Social.

### A Sentença Social que Não Prescreve

Na academia, chamamos esse fenômeno de Teoria do Etiquetamento Social. O indivíduo, uma vez rotulado pelo sistema penal, carrega essa etiqueta como uma segunda pele, invisível, mas pesada.

### O que o Estigma faz? Ele anula a ressocialização.

No Mercado de Trabalho: O currículo, ao revelar o passado, não encontra uma porta, mas uma parede de concreto. A desconfiança é a primeira resposta. O egresso é visto como um risco permanente, e não como um cidadão em busca de reparação.

A vizinhança, a família, o antigo círculo de amigos – todos são instados a manter uma distância cautelosa. O apoio emocional, vital para a estabilidade mental, é cortado. O indivíduo está fisicamente livre, mas socialmente isolado.

Se a mente do egresso já está fragilizada pelo trauma do confinamento (como estudamos nas Lições 2, 3 e 4), o que acontece quando ela encontra um mundo que se recusa a oferecer propósito, segurança e aceitação? A exclusão social não é um acidente; é a manutenção ativa da punição.

## O Preço da Liberdade: A Dupla Punição

A reflexão mais amarga desta Lição é que a sociedade impõe uma Dupla Punição inegociável:

- A Pena Legal: O tempo pago ao Estado.
- A Pena Social: A eterna negação do direito à segunda chance.

É este peso invisível que força o indivíduo a viver na marginalidade. O estigma funciona como uma força centrípeta, empurrando o egresso de volta para o ambiente que, ironicamente, lhe é mais familiar: a incerteza e a exclusão social que levam ao crime, ou a própria estrutura de custódia (a reincidência).

O entendimento que se impõe é que a verdadeira reabilitação não depende apenas das grades abertas. Depende da abertura das portas da comunidade. Enquanto o estigma persistir, a sociedade será cúmplice na construção das grades invisíveis que garantem que o sofrimento mental gerado no cárcere não seja curado, mas apenas transportado para a rua.



## LIÇÃO 8

# O MEDO DA RUA

### Prisionalização: A Síndrome da Adaptação Invertida

O corpo atravessa o portão e respira o ar livre, mas a mente permanece atrás das grades que ela mesma ergueu. O mundo lá fora é amplo demais, ruidoso demais. O trauma da clausura ensinou à alma a ter medo da vastidão.

Em contraste com as grades impostas pela sociedade (o estigma da Lição 7), esta Lição se debruça sobre a muralha interna construída pelo egresso: a Prisionalização.

### A Mente que Desaprende a Ser Livre

Após anos de confinamento, o cárcere deixa de ser apenas um lugar e se torna uma estrutura psíquica. O indivíduo se adapta perfeitamente a um ambiente de regras rígidas, onde as decisões são tomadas por terceiros e a sobrevivência depende da suspensão da autonomia.

### O que acontece quando essa estrutura é subitamente removida?

O egresso experimenta a Síndrome Pós-Prisão. A liberdade, que era o sonho máximo, se transforma em uma fonte de profunda ansiedade e estranheza.

A mente, habituada a um roteiro diário inalterável (a hora de acordar, a hora de comer), trava diante da infinidade de escolhas do mundo livre – do que vestir ao que comer.

O barulho das ruas, o movimento rápido das pessoas, a pressa da cidade, tudo isso é percebido como um caos insuportável. O egresso busca o isolamento, a familiaridade do seu próprio silêncio, revivendo o isolamento que o cárcere impôs.

Para alguns, o ambiente penal, com sua rotina dura, mas previsível, torna-se a única certeza. A reincidência, portanto, pode ser lida não apenas como a falha em evitar o crime, mas como a busca inconsciente por um lugar onde a mente se sinta novamente enquadrada e segura.

Se o cárcere é eficaz em desabilitar o indivíduo para a vida em sociedade, qual é a responsabilidade ética do Estado em fornecer a “reabilitação” psicológica para a autonomia? A liberdade é um direito, mas a capacidade de exercê-la, no caso do egresso, é uma habilidade que precisa ser reaprendida e suportada.

## A Reincidência como Triste Lógica

O Medo da Rua, somado ao Estigma Social (Lição 7), forma um laço. O indivíduo fragilizado, sem emprego (estigma), e com a mente habituada à dependência (prisionalização), é empurrado para a margem. A reincidência se estabelece, tristemente, como a saída mais lógica para a exclusão.

O que se extrai dessa análise é que o trabalho da Justiça não termina no portão de saída. Ele apenas começa. A verdadeira prova de fogo do sistema reside em sua capacidade de auxiliar o egresso a desmantelar as Grades Invisíveis que ele mesmo internalizou, transformando o trauma da sobrevivência em coragem para o recomeço.



## LIÇÃO 9

# O PROJETO DA LUZ

## A Educação Como Resgate: Ensinar Para a Reconstrução da Identidade

Tendo mapeado as sombras — o espaço da angústia, a química do silêncio e a prisão do tempo — o estudo se volta para a luz. Exploramos agora as janelas, os raros e vitais momentos em que a mente encontra um refúgio e uma ferramenta de resgate.

Neste lugar onde o concreto sufoca, a única fresta por onde o futuro pode entrar é a do conhecimento. A educação e o trabalho, aqui dentro, não são apenas mecanismos de remição de pena. Eles são, na sua essência mais pura, medidas de saúde mental e atos de resistência.

## O Caderno como Território Livre

A sala de aula no cárcere, por mais improvisada que seja, é o único território livre onde a identidade pode ser reconstruída. O aluno que, no pátio, é apenas um número, um rótulo de periculosidade, na lousa retoma seu nome e seu potencial.

O ato de aprender rompe o ciclo da ociosidade tóxica (Lição 4). Ele devolve ao indivíduo a dignidade do fazer. Quando a mente está ocupada com a geometria, a história ou um ofício, ela está impedida de ruminar sobre o trauma. O estudo se torna um antídoto contra a depressão.

O diploma, o certificado de curso, não é apenas um papel. É a materialização de um futuro que o sistema tentou suspender. É o motor da esperança, essencial para que a mente resista à prisionalização (Lição 8) e planeje o recomeço lá fora.

Se o adoecimento mental no cárcere é a negação do futuro e da autonomia, a Educação não seria o nosso mais eficaz e ético mecanismo de reparação? O investimento em ensino e qualificação profissional não é um custo, mas a única apólice de seguro contra a reincidência e a fragilidade psíquica.

## Projetos de Luz e a Reintegração

É nas oficinas de trabalho e nas salas de aula que observamos os vislumbres mais claros da ressocialização acontecendo. Não pela força da lei, mas pela força do pertencimento.

Quando o indivíduo adquire uma nova habilidade ou completa um curso, ele recupera algo mais valioso que a liberdade física momentânea: ele recupera a fé em si mesmo. Essa autoconfiança é o escudo de que ele precisará para enfrentar o Estigma Social (Lição 7) na rua.

O princípio norteador que defendemos é que a Educação é a maior ferramenta de saúde mental preventiva no cárcere. Ela cura a alma por devolver-lhe o sentido e a capacidade de ser sujeito ativo de sua própria história. É onde as Grades Invisíveis são, de fato, mais frágeis, porque a luz do conhecimento tem o poder de as dissolver.



## EPÍLOGO

# O CADERNO DE NOTAS ABERTO

Encerramos esta jornada cientes de uma verdade incômoda: a pena de privação de liberdade, nas condições atuais de superlotação, ociosidade e ausência de cuidado especializado, é mais eficaz em induzir o adoecimento psíquico do que em cumprir o objetivo de reintegração social.

O sistema penal, ao invés de desmantelar o erro e reconstruir o indivíduo, opera como um laboratório de fragilidades. Ele transforma a culpa legal em trauma psicológico, o tempo ocioso em vácuo existencial e a sentença de reclusão em uma condenação à desorganização mental e à perda do propósito. A pena, assim, falha ao devolver à sociedade um indivíduo que, além de carregado pelo estigma, está mais doente e inábil para exercer a autonomia e a liberdade.

Essa é a grande falha moral do nosso tempo: aceitar a manutenção de um sistema que, conscientemente, fragiliza a alma para punir o corpo. O caminho para

desmantelar as "Grades Invisíveis" não está em leis mais duras, mas em uma mudança de paradigma. Precisamos trocar a lógica da segurança absoluta pela Ética do Cuidado Integral.

O cuidado não é um favor; é um direito fundamental e um investimento social (como vimos no potencial da educação na Lio 9). Ele significa a intervenção ativa e contínua para interromper a cadeia de sofrimento.

O Financiamento de equipes multidisciplinares que possam oferecer tratamento contínuo, humanizado e baseado em evidências, e não apenas a sedação de emergência (o "silêncio comprado") como ferramenta de gestão disciplinar.

A Aplicação rigorosa da Lei Antimanicomial (Lei n. 10.216/2001), garantindo que o cuidado complexo e a alta terapêutica ocorram no território livre, e não na custódia sem fim da Medida de Segurança.

**Acolhimento Comunitário:** Implementação de políticas robustas que combatam o Estigma Social (Lição 7), que forneçam apoio habitacional, formação laboral e redes de apoio ao egresso, transformando a reentrada na comunidade de uma "sentença de exclusão" em um "projeto de cidadania".

Assim, meu papel como docente foi guiá-los através deste estudo complexo, cruzando a fronteira entre a lei fria e a realidade da vida em custódia. Mas o caderno de notas agora está aberto para você, Leitor. A reflexão e a responsabilidade não podem parar na última página.

A liberdade da imaginação e a integridade da esperança são os bens mais preciosos que a mente humana possui. Quando o Estado falha em protegê-los no território da custódia, a sociedade precisa intervir.

Por fim, desejo que o nosso estudo sobre as "grades Invisíveis" inspire uma nova forma de ver a Justiça: aquela em que a punição não se mede pela dureza do muro, mas pela capacidade de curar a alma e restaurar a dignidade.

**"A ressocialização começa onde a humanidade é respeitada."** (Queiroz, 2025).

# O CADERNO ABERTO



A verdadeira liberdade reside na saúde da mente. Escreva a sua nova história.

# SOBRE A AUTORA



## CLESIA CARNEIRO DA SILVA FREIRE QUEIROZ

Doutoranda em Ciências da Educação

Mestre em Ciências da Educação

Graduada em Psicologia

Graduada em Psicopedagogia

Graduada em Pedagogia

Profissional com formação multidisciplinar e ampla experiência docente. Atua na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Centro de Observação Criminológica e Triagem em Pernambuco.

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0009-3299-5405>

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/4022718966772151>